

Eu abateria a parvidade daquelles que não tem outra lei senão a do ouro, que alheiam pelo fascinante metal até seu proprio sangue, tem a cegueira da ignorancia e a semelhança dos nyctalopicos só vem nas trevas, por que toda a sciencia para elles se encerra no *agito*, o que fez dizer a C. Castello Branco: « ignorancia, que é a virtude: estupidéz, que é a felicidade. Trevas, trevas, meu amigo, que toda a luz do entendimento é uma falsa do inferno. »

Mas eu, meu amigo, não caminho neste terreno, acho que acima destas misérias,—embora aquelle distincto escriptor portuguez diga: que a intelligencia é a corrupção ostentando-se em toda a sua luz—há uma constante soberanamente grande—é Deus! —e Deus é o pensamento superior que resume tudo, porque tudo creou, elle do nada, na phrase de Midebranche: a intelligencia, pois, é uma scintilla divina que parte de Deus. Vou portanto, da melhor maneira que puder, te conduzir ao nupheu para mostrar-te o amor no sacrificio supremo o ultimo—o da morte! —no tinguio da virtude, a arte no cativ da dor, na vigilia do ego, mostrar ainda ao mundo a derradeira nota da agonia do talento. Perdoa-me a prolepsis e lê.

I

(Quasi todos aquelles que não conheciam devem ter ouvido fallar no haustista Emilio Maugé—um genio, uma cabeça de poeta.

A haustia de Emilio Maugé soltava sons tão divinos que disseras ao vel-o alta noite modulando esse instrumento a luz pallida de um luar de primavera, serena dos mares gorgando sons angelicos ou mte d'agua das nossas lendas sertanejas.

Jovem, bem jovem, com o coração impregnado de perfumes celestes; sentido no amago uma doce e interminia harmonia amou, com esse amor ardente e apaixonado da alma virgem, que cõra de seus proprios anhelos, que adormece melancolicamente sonhando essas castas delicias do primeiro beijo dado no lenço esquecido da donzella; esse amor quasi divino, que não nos separa, ao contrario, ergue-nos até o supremo architecto de tudo quanto vemos—assim como o peritune da myrrha e do incenso, embala-se brandamente pelo thuribulo e se eleva pelos altares até a nave do templo: —amou, porque a sua haustia, o seu instrumento querido não era bastante para receber todo o fogo do seu amor, todo o amor que que lhe borbulhava no coração e lhe feria a alma.

Oh! quanto não soffreu esse pobre moço! Alma nobre, alma apurada no crysol da virtude, preferiu antes a morte, que ver-se manchado com uma nodosa embora trivial na nossa sociedade, porém sensível para o homem honrado velador de sua dignidade.

II

Emilio Maugé morava em Nieherohy, e da janela de seu quarto avistava elle um lindo jardim, pertencente a casa vizinha. Notou elle todas as tardes, quando começava a fazer fallar a sua haustia, uma linda e graciosa

O autor foi mais longe do que devia, no prologo cum-pria simplesmente esboçar a thesa, e desenvolver a entao no drama: mas não o fez, prologo e drama quasi que nem uma ligação tem, pôde um viver perfectamente sem o outro, e o espectador chega mesmo a conhecer que foi aquelle escripto muito tempo depois d'este.

A acção do prologo é completa, nada deixa a esperar, nada deixa antever: e, se o panno sobe outra vez, o publico presente que vai ver e ouvir o mesmo drama sob outra epocha e outros costumes, a partida da acção chega a ponto de morrerem Jonio e Alberto Vi-dal pronunciando o mesmo nome da mulher amada e o da mesmo arte.

Parece-me estar ouvindo o autor dizer-nos:

Foi de proposito.

Se tal fez, tenha paciencia, errou.

Esses effeitos de scena podem agradar as plateias, a critica porém protesta, e é meu dever reprová-los.

Ha no prologo, como no drama, a mesma rigidez de caracter no actor, a mesma luta de affectos entre duas mulheres, uma que ama e outra que é amada, e para que a semelhança fosse em tudo, a heustia que no prologo chama-se Theodora, chama-se no drama Bayoneza da Cidreira, com o mesmo caracter repugnante e gostumes depravados. Enfim, o mesmo em tudo, quando das as proporções de espaço e tempo.

Com os mesmos elementos claro está que o autor em quatro actos melhor pudera exprimir o seu pensamento: quanto maior a esphera, maior a grandezza da execução.

Tem paciencia, meu caro Salvador de Mendonça, em que pèze ao teu bom gosto, não divel que gosto menos do prologo que do drama: mas asseguro-te que gosto mais do drama que do prologo.

A excepção de Jonio, Helena e Theodora, os demais personagens não vivem, são sombras que passam, e quando desce o panno o espectador fica os conhecendo tanto como antes.

A verdade historica é por demais guardada, dir-se-hia que o autor teve medo de emprestar a esses vultos alguma cousa mais do que lhe dão as chronicas.

E até onde pôde chegar a modestia!

(Continua.)

JOVENIA PARES.

A. Maugé magica

Amigo Felix Ferreira.—A pequena historia que te vou contar, meu amigo deve ser em parte sabida por ti; ella não é um parto de minha imaginação exaltada, mas um facto inteiramente verdadeiro: o que tu não sabes, porém, são certos pormenores que fizeram delle quasi um romance, e um romance bem triste, bem cheio de poesia.

Tenho pena de não possuir o talento e a inspiração do autor do *Guarany*, para descrever este facto com as tintas firmes e minmosas com que costuma fazel-o este artista, este genio da litteratura brasileira.

menina assentada em um banco de pedra que parecia prestar toda a attenção ás melodiosas notas que ouvia; assim foi elle se affeigoando, bem que involuntariamente, á sua dilletanti, a ponto que veio a amal-a muito, mas em segredo.

A menina havia pouco deixado o vestidinho curto e entrava na adolescencia com toda a graça e mimos das filhas dos tropicos. Fronte alta e pallida moldurada por longos fios de bastos cabellos negros, que rivalisavam na côr com os seus olhos grandes, ora vivos, ora cheios dessa morbida melancolia que traz a puberdade; um corpo mimoso, macio aveludado provocando abraços, coberto sempre de finissimo vestido branco, que o desenhava fazendo sobresahir a forma nascente de uns seios de menina sempre palpitantes. Tal era o alvo sonho do moço artista a branca fada que lhe vinha sorrir no pensamento por entre as harmonias que elle repremia metade e dôava a outra a sua magica flauta.

III

Uma tarde, como de costume, o sôl descambando, deixara espalhadas pelo firmanento as tintas do arre-ból e ouvia-se ao longe os gorgeios dos passarinhos que precedem o crepusculo. Emilio tocava na flauta.

Addio del passato bei sogni ridenti o mais bello pedaço da Traviata; com tanta verdade interpretou elle o pensamento de Verdi, que a menina que o escutava bateu palmas. O moço despertando do seu extasis comprimento-a envergonhado e retirou-se.

Quinze dias se passaram sem que o moço tocasse mais nem a moça apparecesse.

Uma tarde recommçou elle as suas harmoniosas phantasias,—é que Philomena, a gentil menina lhe havia escripto dizendo que morreria se não mais ouvisse os magicos sons da sua flauta.

IV

Um anno decorreu.

Cada dia o moço alcançava um triumpho, ganhava uma palma na sua carreira artistica, que vinha depositar aos pés de sua formosa dilletanti: e ella? — pagava-lhe tudo com um sorriso, com uma doce inflexão na vóz, dessas, que as mulheres tão bem sabem se servir e que valem muitas vezes mais que uma declaração completa; com um olhar desses que podem fazer poemas de fé, de crença e de amor, desses que inspirou a Victor Hugo, quando disse:—chega um dia em que todas as jovens olham assim desgraçado daquelle que então acha na sua presença.

E o moço era feliz; e como o não seria? Quem já amou um dia ardentemente, com um desses amores que semelhante a lava de um volcão deixão um sulco profundo e eterno no coração, poderá avaliar quanto jubilo não ia nessa alma de artista inspirado!

Pobres amantes! iam tão descuidados na estrada dos seus castos amores, collhendo as mais bellas e mimosas flores, e não viam lá ao longe a tempestade que se formava!

(Continúa).

G. DE A.

A industria moderna

I.

Amo, venero os sabios,
Rendo-lhes preito, adoração insonte.
Ao altar da sciencia curvo a fronte.
Profundo é o louvor que tem meus labios
A' sacrosanta fonte,
Ao tão frondoso galho
Que partindo do céu tem por premissas
Na terra as nobres ligas,
E as lutas submissas
Da honra, da virtude e do trabalho.

As Artes quem não adora?
Ou nos sons doces da escala,
Da eloquencia na falla,
Na poesia que encanta,
Ou no pincel que decora?..
Das bellas artes, espanta,
A quem buscar com a vista,
O berço, a fonte, o regaço,
Pois lhe diz todo o espaço
Que Deus foi um grande Artista!

Das sciencias irmã,
Filha das artes, de ambas corollario,
Quem succede na arena?..
E' a *Industria* louçã!
Despida de ornamento tanto e vario,
A face traz serena,
Caminha só, vem triste, vem modesta,
Parece a derradeira
Devendo ser primeira
N'um dia, todo seu, todo de festa.

Porque dos sabios ao lado,
Ao artista dando a mão,
Cabisbaixo o artesão
Receia vir ao proscenio,
Onde o sabio coroado,
Onde o artista e o genio
Colhem palmas e louvores?..
O' artesões! já passaram
Essas horas que amargaram
A vós—os trabalhadores.

Cahiram os menoscabos
Que a industria escravisava,
Quando Roma amesquinhava
Obreiros manufactores!
Hoje tem renome, gabos,
Palmas, triumphos, louvores
Os pobres homens que off'recem
A' sua nação seu braço,
E quando vem o canção
Trabalhando desfalecem.

II.

Das mais cultas nações sincero applauso
A penna bem merece;
Ainda alcança ruidosos louros
A espada que ennobrece.

E não passe portanto sem triumphos
O arado que roteia,
Que da terra maninha vai tirando
A herva má e feia.

O machado que dá que alenta a vida
Do triste proletario,
O compasso, o esquadro, a trolha, a serra
Do simples operario.

A espada, o compasso, a penna, o arado
Tenham iguaes louvores,
Quando a mão que os maneja abrilhantar-se
De vividos fulgores.

O cinzel do estatuário,
Daquelle pintor a tela,
Tem muito valor! E' bella
A artistica adoração:
Tenha tambem seu sacrario

vive enquanto não ama, sem recordar os acontecimentos felizes daquelles dias que não devem nem podem estar longe de tua memoria. sem tirar-te á contemplação de tantos votos que a firmeza inspirou-te, Celina, eu appello para tudo isso ; e á bondade de tu'alma e á tua constancia confio minha propria defensa.

Chama-me ingrato, chama-me máu e fingido, accusa-me, condemna-me, mas depois perdôa e restitue-me tudo quanto me déste.

E o que..? porventura já não estou punido?. Que maior castigo do que o remorso? Que maior sentença que a da propria consciencia?..

Não : perdôa sómente.

Tu que te inspiras nas verdades de Deus, que incensas teu espirito ao thuribulo dos altares, que n'alampada tristorosa do templo encontras luz quicá mais bella que a da estrella da manhã, lembra-te que ha um Pae de bondade que nos ensinou a perdoar, e esse Pae é o mesmo Deus que tão ardentemente adoras.

E na obediencia de um capricho ousarás profanar tua obra?..

Certo que não. Tu me perdoarás.

A inconstancia dos homens induziu-me ao erro ; foi pois a natureza quem peccou.

E demais, Celina, eu amo a belleza e sirvo-a como escravo.

Encontrei em tua ausencia, uma mulher tão linda como sempre te vira e quiz amal-a tambem.

O encantamento faz o poeta, e eu decantei essa mulher como tantas vezes te elevára nas humildes estrophes de meu estro mesquinho.

E recolhi-a em meu peito, nesse peito que é o sanctuario dos affectos que te pertencem.

Perjurei, não é assim?..

Julguei elasticas as paixões humanas ; illudi-me.

Hia apostatar mas a sinceridade das crencas em tempo dominou-me e conteve-me, e, á força de querer esquecer-te, aprendi que me é impossivel viver sem ti.

Agora te sentes com a precisa coragem para ensurdecerás supplicas que te envio?.

Decorridos trez annos, queres ser severa ante a humildade?.

E' impossivel !.

Celina, ha descahir por toda parte.

E' lei da contingencia : que nada se conserve immutavel sobre a terra.

Só a essencia se não desvirtua por que isso é a morte ; a fórma é variante.

Secca e parte-se um galho, amarellece e cae uma folha e o arvoredor inteiro se despe aos rigores do inverno porque são mornos os proprios raios do sol que o aquece e vivifica, mas nesse tronco desnudado ainda ha muita seiva e muita vida, e a primavera ali vem de novo enfolhal-o e enflorescel-o.

E' o mesmo com o amor.

A vida, como o anno, tem suas estações ; a alma tem-n'as tambem.

De todas que são da alma, porém, é a bella estação, a estação dos amores, a de mais longo durar.

Pois eu tive um dia de desalento,—foi o inverno ; nuvem pesada e sombria veiu escurecer o meu sol, si havia tanto que meus olhos avidos te procuravam em vão e, em um momento, perdôa Celina, meu coração se despiu por ti.

Mas hoje, vencido pela saudade e conduzido pelo pensamento que é só teu, eu volto de novo junto a ti para abrigar-me em teu seio.

Um dia, lembraste-te? eu te dizia :

Oh ! pallida menina, oh ! anjo scismador
Não te lastimes mais, confia em Deus, espera ;
E as tuas esperanças verás desabrochar
Em flores perfumosas de eterna primavéra.

E hoje, ainda é essa a minha oração.

Amanhã, quando voltares, espero de teus labios recolher o perdão.

CA-FI.

A Flauta magica

V.

— Que tenho feito para merecer o teu amor, dizia Emilio com voz tremula?

— Não sei... não sei Emilio ; sinto que te amo, que queres mais? As tuas harmonias me attrahem ; a minh'alma vaga doida, embriagada pelos céos da arte, vejo-te David compulsando a lyra, Orpheu acordando até os seres inanimados.

— Mas... ai! Philomena, quando me lembra que tanto amor será perdido...

— Perdido? repetiu a moça, olhando-o fixamente...

— Não vés, disse o moço tristemente, que és rica, muito rica... e eu meu Deus...

— E's um genio Emilio!

— Genio? Ai que valem os genios no seculo do dinheiro? Uma moeda vale mais que um genio, os genios morrem de fome!

— Porque descrés? Tão moço, tão cheio de vida e de inspiração, e já sem fé, sem esperanza, tombando ao desalento de um presentimento mentiroso. Coragem, meu amigo, pede-me a meu pai ; eu serei da tua ou da morte.

Assim continuaram nesse colloquio até Emilio retirar-se possuido de alguma esperanza.

VI.

No outro dia, o moço entrou em casa triste, pallido e abatido ; atirou-se consigo no leito e chorou amargamente.

Elle tinha ido solicitar Philomena em casamento, e ella lhe havia sido negada porque de ha muito se achava promettida ao Dr. L., moço rico que morava em frente á casa de Emilio. O Sr. P., pai da pobre moça que ia ser vendida, conclui-o a sua recusa com uma grosseria propria dos homens de dinheiro :

— O Senhor pelo que vejo, deseja fazer fortuna por meio do casamento?

Emilio Mougé sentio-se ferido no coração e o achavascado commendador sentio-se grande pronunciando essas palavras que em sua stulta opinião tinham visos de sentença.

Dinheiro! tu és a alavanca que moves todos os impossiveis neste muodo! Impossivel? — deviam riscar esta palavra importuna desde que o dinheiro tornou-se a mola real desta grande machina.

Dinheiro! tu és a alma de quem te possui! infeliz daquelle que nesta vida não te encontra em sua passagem ; para esse, não ha nem dia, nem noite, nem flores, nem risos, nem esperanza nem contentamento ; o seu horisonte é sempre triste e negro, sua alma é cheia de luto e de amargura quando tudo ao redor lhe sorri, no meio do esplendor da festa!

VII.

Muitos dias se passaram.

Pallido a definhar, sahia Mougé a passeio, por assim o haver recommendado o medico, por S. Domingos e Itapuca ; ahi encontrava sempre Philomena acompa-

nhada sòmente de suas escravas. Então o moço com verdadeira amargura dizia-lhe :

— Porque fazes por te encontrares comigo? Não sabes que não podes ser minha? quereis acaso agravar mais as minhas dores?

Dos olhos da moça saltavam duas lagrimas; abatida e melancolica convidava-o a sentar-se junto della e Romeu e Julieta contavam-se mutuamente os sonhos de seus tristes amores.

— Então soffres muito Emilio?—perguntava docemente a moça.

— Sim Philomena: os medicos dizem que eu padego do coração... mas elles trocam a molestia. Que importa, tudo é o mesmo; quando se tem de morrer... Depois de breve pausa acrescentava resignado: hei de bem moço desfolhar ao flores todas da minha primavera no chão do esquecimento; a virgem melancolica dos meus sonhos de poesia, visão mimosa em que alentam-se os ultimos dias de desenganos, encontrarei no céu...

— Deliras, meu amigo?

— Não, eu o sinto. Ha alguma cousa em mim que me vai matando lentamente. Oh! quanta paz e harmonia deve haver lá no céu! o pobre artista ha de por força encontrar agazalho em Deus. Não é elle pai? Não disse seu filho a Magdalena, que os seus muitos peccados lhe seriam perdoados, porque amou muito? Quanto eu te amo tambem ó Philomena!

A moça com a cabeça reclinada no hombro do moço deixava correr por entre as mãos que cobriam o rosto, lagrimas quentes de amargura e murmurava:

— Eu te tenho dito tantas vezes que te seguirei por toda a parte, que deixarei meu pai, que irei viver por brevemente onde quizeres, contanto que seja amada por ti, contanto que ouça sempre os sons harmoniosos de tua flauta, os soluços de tuas harmonias. Ai! tem pena de mim! Que culpa tenho eu que meu pae seja tão mau? Não dizes que sou bella? que o tempo deu-me quinze primaveras em quinze beijos, e em cada beijo um um attractivo, um ideal de poeta? Emilio serei tua, ouves? vêm fujamos...

— Nunca! Emilio Mougé nunca commetteu uma acção que o fizesse corar em presenca de sua consciencia.

Sublime quadro aquelle. A lua que longe se erguia, vinha alumiar com seus frouxos e pallidos raios os dous amantes embevecidos, e o mar nos seus monotonos queixumes arrebatava nas pedras da Itapuca, as ondas espumosas, e os flócos de espuma vinham salpicar os pés daquelles dousentes esquecidos da mundo, vivendo só pelo pensamento que amargurado lá ia pelos prados enganosos da phantazia.

O moço como que dispartando continuava:

Não sabes traduzi o teu nome, e dei-o a uma phantasia que compuz hontem—chama-se —Amor suave.—

A moça sorriu-se agradecida.

G. DE A.

(Continúa.)

Oriente

—TREVAS E LUZ—

Sur la scène d'horreur sans jeter un regard
Sous la nuit forêts il s'enfonce au hasard

A. DE LAMARTINE.

Ergue-se a turba maldita
Dos vis sequazes do Islam,
Raça da escrava proscripta
Pelo mandado de Abraham.

Vôam as negras phalanges,
Em punho alçado os alfanges
Onde a perfidia reluz,
Corre o selvagem descrente,
Vão as hordas do crescente
Inundar de sangue a cruz.

Brada a cabilda inquieta
Dos sectarios do alkorão:
Por Allah! pelo propheta
Caia por terra o christão,
Por Hedjas, por Medina
Rasteje essa raça indina
Ante os filhos de Ismael,
Somos nós o soberano,
Caia ao ferro musulmano
Todo esse povo infiel.

Stamboul, a predilecta
D'Allah e do grão Senhor.
Só ouve a lei do propheta
Desd'o mar negro ao Thabor,
Só escuta a voz bemdita
Que do alto da mesquita
Chama os crentes á oração,
Só quer a santa doutrina
Que a salvação nos ensina
C'os preceitos do alkorão.

Do exterminio ao fero grito
A Syria se erga de pé,
Desde Stamboul ao Egypto
Corram os fortes da fé,
Como ante o anjo da morte
Do alfange ao ferreo corte
Tudo desfaga-se em pó!
Acabem por nossas mãos
Todos, todos os christãos
Não fique um delles, um só!

A voz dos santos Ulemas,
Por Allah, nos vem guiar,
Caião as raças blasphemias
Ante a progenie de Agar.
Caia por terra o descrente,
Ante o poder do crescente,
Beije tres vezes o chão,
Depois em sangue banhado
Seja seu corpo calcado
Pelos fieis do alkorão.

Assim vozêa aturdido
Pela doutrina fallaz
O musulmano atrevido
De vis embustes sequaz.

Antonio Gonçalves Dias

I

Do cóllo da elevada serra do *Itapicuru*, desprende-se uma torrente de aguas que cahindo no proximo valle percorre um curso de cento e cincoenta leguas para levar um perenne tributo ao arrogante Athlantico, que semelhante a um *Senhor* dos idos tempos recolhe o feúdo de seus dilatadissimos dominios. A' margem direita e oriental desse longo curso, a oitenta leguas de S. Luiz do Maranhão, demora a antiga villa das *Aldêas Allas*, hoje a opulenta cidade de Caxias.

Fundada em meados do seculo XVI, as *Aldêas Allas* passando a tomar o nome de Caxias, elevou-se tanto em prosperidade, que veio a tornar-se a mais opulenta cidade não só do Maranhão, como das demais provincias que lhe são limitrophes. A sua riqueza attingiu a tão altas proporções que cedo degenerou-se em desmoralisadora corrupção. Caxias tornou-se um antro de assassinos, um centro de malversações, odios e vinganças: a lei era o poder do forte contra o fraco, a justiça distribuida pelo oppressor contra o opprimido.

Os habitantes repletos de ouro ostentavam um luxo descomedido; a religião de Christo era votada ao escarneio; o vicio imperava em toda a sua hediondez; e a virtude fugia espavorida para as mais remotas aldêas. Caxias marchava a rapidos passos para a ruina, desafiando a colera celeste, que se não fez esperar por muito tempo.

A forçada abdicção do primeiro Imperador, succedeu a época da regencia tão cheia de terriveis peripecias, que a cada passo parecia submergir a tutelada monarchia sob o volcão das revoltas que desde o Prata ao Amazonas ameaçava fazer tremenda erupção. Pernambuco, Ceará, Minas e Rio-Grande do Sul ião innoculando o espirito da revolução nas demais provincias do imperio.

Totalmente esquecidas as sedições de 1831 e 34, o Maranhão párecia tranquillo sob o governo provisorio da regencia, quando de subito o famigerado Raymundo Gomes fez rebentar em *Chapadinha* em fins de 1838 uma sedição, que desprezada pelo então presidente da provincia Camargo, pouco á pouco foi tomando vulto, e adherindo a si o famoso Balaio, atravessou o governo, um tanto descuidado de Manoel Felizardo, e só pôde ser totalmente extinta pelo seu successor Luiz Alves de Lima, hoje o bem conhecido duque de Caxias.

Em 1 de julho de 1839, os rebeldes depois de um assedio de mais de dous mezes, tomando a viva força a cidade nella exerceram o mais revoltante canibalismo contra os seus habitantes, que muito haviam feito para que Deos delles se amerciasse aos primeiros embates dos revoltosos.

A penna de um eminente poeta esboçando magistralmente os horrores então commettidos nesse lugar, assim se exprime ainda sob influencia da vista daquellas tristissimas scenas.

«...Caxias nadava em sangue; vida bens e honras,

tudo ia sendo devorado pelas hordas devastadoras, que friamente as maiores crueldades praticavam sem piedade da infancia, da velhice e da virgindade.

« Entre os terriveis canibaes notava-se o feroz Ruivo, que fazia garbo de andar coberto de sangue e de apregoar o numero de seus assassinatos perpetrados durante o dia. Em dinheiro e fazendas computa-se o seu prejuizo em quatro mil contos: bem caro pagou Caxias seus crimes passados. Muitos viram neste flagello a maldição celeste invocada pelas victimas de sua perversidade; que assim castigou o céu os reiterados crimes de uma raça prevaricadora; assim muitas cidades se anniquilaram, assim destas desgraças colhem os homens grandes e terriveis lições para o futuro.—Praza o céu que esta senão perca. » (1)

A's acertadas e energicas medidas de Luiz Alves de Lima, a paz e o socego voltou enfim a provincia do Maranhão, e com ella a continuação dos felizes dias de Caxias.

Hoje, sob o liberrimo governo do Sr. D. Pedro II, Caxias é um dos mais felizes centros de prosperidade. Em seu seio goza-se o ar puro e benefico que alli reina sem interrupção; o commercio e industria marchão em via do progresso levando-a a occupar um dos proeminentes logares entre as mais florescente cidades do imperio.

Porém não é só como um opulento e civilizado centro de população, que aquella cidade tem jus a ser mencionada entre as mais notaveis do sul da America. Ha nella um outro titulo maior de gloria, um feito de mais lustre, uma honra, enfim, que lhe vale mais que seus importantes estabelecimentos agricolas, alto commercio, e desenvolvida industria. Ella tem a gloria immorredoura de ter dado o berço a um dos primeiros, senão o maior poeta, que a litteratura brasileira felizmente possui, para nada ter que invejar as do velho mundo.

FELIX FERREIRA.

(Continúa)

A flauta magica

(Continuação)

VIII.

Muitas vezes se encontravam e tinham assim conversações.

A ultima vez que Philomena procurou Emilio, era noite. Cynthia mimosa e pallida no seu plenilunio convidava aos amantes a virem gozar de sua luz.

Longe ainda avistou a moça o artista que tirava do seu instrumento favorito, sons tremulos e arrebatadores; deixou ficar suas creadas atrás, avançou e escutou...

A moça estava atalida, subjugada, enlevada pelos sons melodiosos, pelas harmonias maestras que dos labios do moço passavam-se para a flauta. Labios inspirados!

(1) Gonçalves de Magalhães—*Mem. hist. do Maranhão* cap. VII.

Era a alma de Malibran que para elles se passara,

Philomena ajoelhou-se na arêa, comprimio o seio e começou a soluçar. Depois ao som do instrumento dizia a pobre menina :

O' minha mãe, vós que me olhaes lá do céu, bem vêdes que eu não sou culpada da morte deste moço ! ó minha mãe, vós bem sabeis que o amo, e quanto é casto e quanto é puro este amor... porque não rogaes a Deos, que nos desvie deste caminho de tão agros espinhos, porque nelle não espargis flores ?

Depois levantando-se caminhou subtilmente até chegar perto do moço, e quando elle findava a sua phantasia atirou-se-lhes nos braços dando-lhe nos labios um ardente beijo...

.

— Escutaste ? perguntou elle.

— Sim ! sim, é sublime, é magnifico ! Doce como os sons de orgão extrahidos alta noite em um templo deserto, melancolico e triste como a mãe que abençoa os filhinhos na hora do passamento, terrivel como a nossa agonia.

— E' o amor suave.

— Oh ! bem suave é amor que emana de teus labios ! Olha, Emilio, eu vim ainda esta vez pedir-te que não sejas teu proprio algoz.

Não vêes que se morreres, eu morrerei tambem ? Escuta, meu amigo, a vida não é tão amarga como pensas : vêm aquecer-te no meu còlo, longe, bem longe d'aqui. Deos te inspirará bem mimosas melodias, e eu as beberei nos teus labios ao luar de noites bellas como esta. Ai ! que vida então ! Tu artista inspirado, cheio de poesia, cheio de gloria, viverás em toda a parte porque a patria do artista é o mundo, e eu cheia de contentamento, de carinhos e de amor, sempre a teu lado, sim de amor ; toda amor por ti, não é assim ? — não queres meu amigo ?

E a moça havia ajoelhado aos pés do mancebo e delirando dizia ainda com fogo :

— Escuta; eu tenho só quinze annos, minh'alma, preza como o osculo de minha mãe, meu coração palpita só de amor, meu puro corpo abrasa-se... por compaixão, não vez que me saltam as lagrimas ?

O moço arrebatado, levantou-a e apertando-a junto ao coração disse-lhe chorando :

— Não vêes que eu tambem te amo ? e accrescentou de modo a fazer partir o coração :

— Oh ! eu amo muito, meu Deus, muito !

E começou a soluçar...

Mas depois parecendo despertar de um sonho disse com a voz mais afinada do desalento :

Ai ! mas se sinto já o gelido roçar das azas negras da morte.

.

IX.

Desde essa noite Emilio não sahio mais de casa ; a sua flauta tambem jazeu muda.

O moço finava-se. Seu pai via cheio de dôr ir-se es-

tinguindo a luz da vida de seu pobre filho, sem adivinhar a causa.

O moço já pouco se erguia do leito.

Aquellas harmonias dos tempos mais risinhos idos, que elle havia sentido a mão da providencia trazer-lhe n'alma erão agora tão debeis, tão tristes que o encaminhavam mais depressa para o tumulo.

Quanta gloria não sonhára o moço musico no antever de seu porvir ? quantas ovações não colheria por meio de sua flauta magica como a rabeca de Paganino ?

Quanto talento ! Flor que apenas abria a corôla, humida pelo roscio matutino e já queimada pelo mormaço de um amor desgraçado !

Quando houver na terra—porque elle a tem no céu—uma corôa para o artista-genio, para aquelles a quem Deos fadou com a vocação para a arte, principalmente para a arte mais bella, por que é a que mais de perto nos toca n'alma, não morrerão calcados sob o peso do onro tantos entes inspirados pelo céu.

Emilio Maugé, merecia uma corôa. Nem o sábiá das mattas brasileiras, nem o roxinol dos campos Europeus possuem cantos tão doces, como erão doces os sons de sua flauta.

X

Foi a 12 de Setembro de 1862.

A aurora havia esfolhado uma rosa no tapete alvarelento do céu.

Emilio Ergueu-se ; chegou a janella, contemplou a natureza risinha que se erguia das trevas e suspirou ; porém fraco, magro e tremulo mal pôde sustentar-se em pé. Dizia seu ultimo adeus ao mundo.

Viu os passarinhos que pipillando saltavam de ramo em ramo, as flores que abriam suas petalas cheias de perfume e humidas pelo orvalho da noite, os insectos que esvoaçavam, o rumor da cidade, os raios do sol e sorriu-se... tanta galla, tanta festa na natureza, e elle só triste ; tudo começava a viver, o dia, os passarinhos, as flores e elle ia morrer !..

E' sempre assim neste mundo.

Tirou de sua gaveta a sua flauta, mirou-a com ternura e deu-lhe um beijo ; já não tinha forças para fazel-a cantar ; tornou a deitar-se pesaroso. Durante o dia peiorou muito. Os parentes e amigos lhe rodeavam o leito tristes e mudos.

De tarde a hora em que costumava conversar por meio de harmonias com a sua linda vizinha, deu muito cuidado a todos ; parecia chegado o seu fim.

E na verdade : viram-o tremulo, cadaverico sahir do leito, pedir a flauta a seu pae e em um esforço sobre natural embocal-a tirando sons magnificos, harmoniosos, sublimes, phantasias delirantes e divinas !

As lagrimas corriam expontaneas de todos os olhos.

O instrumento magico gemia e soluçava como os ais de um moribundo ; era o ultimo adeus agonisante que elle enviava a Philomena ; eram as suas glorias, as glorias do seu amor que elle esfolhava á beira da eternidade, porque essa phantasia chamava-se :

Amor suave !

Aquelle corpo parecia haver-se transformado todo em um instrumento divino, cujas cordas se arrebatavam a cada som que sahia de seus labios. Elle tinha febre, febre de amor, de gloria, de desespero !

E tocou... tocou delirante, inspirado... divino e cahio morto !

.

A sua ultima nota foi um gemido, a flauta cahira-lhe das mãos e partira-se em pedacos.

Os circumstantes tão electrizados haviam ficado que tinham prorompido em palmas; porém quando o moço cahiu, ajoelharam-se todos; e muito tempo depois ainda se ouviam soluços—porque lhes parecia ouvirem ainda a continuação daquellas harmonias. enquanto que o pai abraçado com o corpo do filho dizia :

— Falla, meu filho, falla !...

XI.

Triste coincidência !

Nessa mesma occasião Philomena com seu véo branco de noiva, com suas flores de laranjeira, estava na sala da casa vizinha, entre numeroso concurso de pessoas que se preparavam para leva-la ao altar.

De repente viram-a pallida e afflicta ajoelhar-se no meio da sala com as mãos postas e com o ouvido attento.

Correram para ella, rodearam-na assustados interrogando-a :

— Silencio !... disse a moça com voz febril, não ouvem ?... é o — Amor suave — é a alma de um anjo que vò a eternidade ; e escondendo o rosto entre as mãos dizia delirante :

— Escutem !... escutem !...

Era na verdade uma alma pura e bella que procurava nesse instante o caminho do céo.

Emilio Maugé, justamente nesse momento tinha cessado de viver.

Conduziram Philomena para o leito, que seria o do noivado, onde presa de uma febre, no outro dia succumbio, e foi-lhe o do passamento.

Lá repousa no mesmo cemiterio onde jaz o talentoso musico.

FIM.

G. DE A.

Theoria dos ventos

O globo que habitamos acha-se envolvido em ar ambiente; por todos os lados, até a altura de 20 legoas, está a terra coberta de uma atmosphera fluida, na qual os monarchas e os proletarios se acham igualmente mergulhados, e da qual mutuamente dependem para viver. Este vastissimo oceano

aerio, acompanha constantemente a terra na sua revolução annual em volta do sol, e pelas leis da gravidade, participa do seu movimento, e com ella effectua a sua revolução diurna. A terra não se revolve na atmosphera mas sim *com* ella: se o contrario acontecesse, a fricção entre o ar e a terra, reduziria o mundo vivente a atomos. O ar é eminentemente elastico, e em extremo susceptivel de movimento; e desde a primeira hora da criação até hoje, tem estado sempre em uma parte ou outra dos seus vastos dominios em constante perturbação. Estes movimentos são conhecidos pelo nome de *ventos*, denominação que exprime muitas vicissitudes e traz á idéa a suavidade do *zephиро*, a desenfreada violencia do *tornado* asiatico, o ardor e perniciosidade do *simoon*, a agradável *brisa* do oceano septentrional e o derradeiro sopro vital do amigo expirando.

O calor é a causa *principal* dos ventos. Como os raios do sol descem *perpendicularmente* sobre a terra debaixo da zona torrida, é claro e evidente que a essas regiões se communica muito maior quantidade de calor do que ás outras terras mais *obliquas* para o lado dos polos. Este calor rarefaz o ar, e fazendo-o subir, o vacuo que deixa é immediatamente preenchido pelo ar do norte e sul, que sendo mais frio, modifica o calor violento das regiões equatoriaes e as torna habitaveis. Dest'arte se originam dous ventos, norte e sul, que depois se modificam e mudam. Por exemplo: o movimento diurno da terra diminue gradualmente do equador para os polos; no equador; é de 15 milhas geographicas por minuto, e como esse movimento é communicado á atmosphera em um gráo igual, é evidente que parte della, levada subitamente de uma latitude temperada, onde o movimento é menor, para o equinocial, onde esse movimento é mais rapido, não adquirirá em consequentemente a velocidade daquella que alli se acha, sonsequentemente a terra a excede em velocidade. Assim as correntes de ar que vão dos polos para o equador, seguindo a superficie da terra, parecerão girar em sentido contrario ao globo, isto é, do oriente para o occidente. Eis a razão porque estas correntes, que, sem a rotação da terra, só produziriam os ventos norte e sul, tem tambem uma direcção para o occidente, e produzem os ventos permanentes de Nordeste e de Sueste.

O terral, a viração, as moções e os ventos regulares e variaveis, explicam-se todos pelos principios exposto, modificados, porém, por varios outras influencias, taes como os movimentos do mar sob as phases da lua, mudanças chimicas nos elementos essenciaes da atmosphera, etc., etc.

Nas costas do Brasil os ventos geraes são o N. E. e o S. E. — O S. O. sopra quasi sempre com violencia, mas de ordinario dura pouco. O O. e o N. O. são raros e a maior parte das vezes os precursores de alguma tempestade.